

um ensaio visual sobre
corpos abjetos a uma
sociedade colonial

Distopia do corpo

PEDRO GODOY

DISTOPIA DO CORPO:

Um ensaio visual sobre corpos abjetos a uma sociedade colonial

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade de Brasília -
Instituto de Artes como requisito para obtenção
de grau de bacharel em Design.
Orientadora: Prof. Dr. Daniela Fávaro Garrossini

Brasília, 2022

PEDRO GODOY

DEDICATÓRIA

Ao silêncio fúnebre perante o reflexo abominável de nós mesmos.

DISTOPIA DO CORPO:

Um ensaio visual sobre corpos abjetos a uma sociedade colonial

Banca Examinadora

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Fávaro Garrossini

Universidade de Brasília

Professora Dra. Cecília Mori Cruz

Universidade de Brasília

Professora Symone Rodrigues Jardim

Universidade de Brasília

AGRADECIMENTOS

A estranheza que habita em mim, nada além do que sou. A Daniela Garrossini, por me acompanhar e apoiar em um projeto tão experimental e significativo para mim. Aos meus amigos, em especial, Sabrina Mendes e Mariana Vasques pelo suporte e acolhimento. A minha mãe, que embora não esteja mais viva por me mostrar a beleza do mundo. A todos aqueles que se disponibilizaram a ler meu trabalho.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	
<i>A Beleza</i>	06
CAPÍTULO 2	
<i>Feio, Abjeto e Rejeito</i>	09
CAPÍTULO 3	
<i>Processos poéticos na produção visual</i>	12
CAPÍTULO 4	
<i>Considerações Finais ?</i>	31
REFERÊNCIAS	32

O reflexo bonito
disto
percebo
O reflexo bonito
disto
percebo



”fantasias de espancamento representavam tudo o que era feio, repreensível e proibido, ao passo que as histórias agradáveis eram a expressão de tudo o que trazia beleza e felicidade”.

(H.F. Ellenberger, *Histoire de la découverte de l'inconscient*, p.247.)

Não sabemos ao certo quando vimos nosso reflexo pela primeira vez, provavelmente nos primeiros dias de vida, e com o passar dos anos vamos entendendo nossa imagem. Pressões estéticas sobre o corpo e a identidade nos acompanham até o último dia de vida, construímos nossa identidade e usamos objetos do vestir para comunicar nossa essência.

O nosso reflexo no espelho transfere o Eu para o Outro, para que consigamos nos ver externamente, como aparentamos, aqui trago a estética no sentido da manifestação visual simbólica de algo. Nossa imagem é além da aparência, é nosso jeito, nossos sentimentos, nossa essência. A busca pelo belo extrapola a beleza do corpo, lutamos todos os dias para alcançar o que acreditamos ser o belo: um rosto bonito, um emprego agradável, um relacionamento invejável, uma família perfeita. Discutiremos sobre a origem desse objetivo, o desejo que move a busca dele e as estruturas sociais que mantêm a lógica desse sistema.

Sabemos sem dúvida alguma que o conceito do Belo é culturalmente construído em um espaço-tempo determinado e ao mesmo tempo individual, o belo é aquilo que acreditamos ser o modelo ideal de estabilidade humana, e aquilo que se distancia dela se torna abjeto. Essa estabilidade humana frequentemente está associada ao poder, no sistema capitalista, o dinheiro; ele possibilita o ter, e aquilo que temos são objetos, tanto objetos materiais, quanto objetos abstratos, um namorado por exemplo. E simultaneamente enquanto procuramos o belo no outro, procuramos o belo em si mesmo, alegorizamos nosso corpo e nossa vida com esses objetos, para então definirmos nossa identidade.

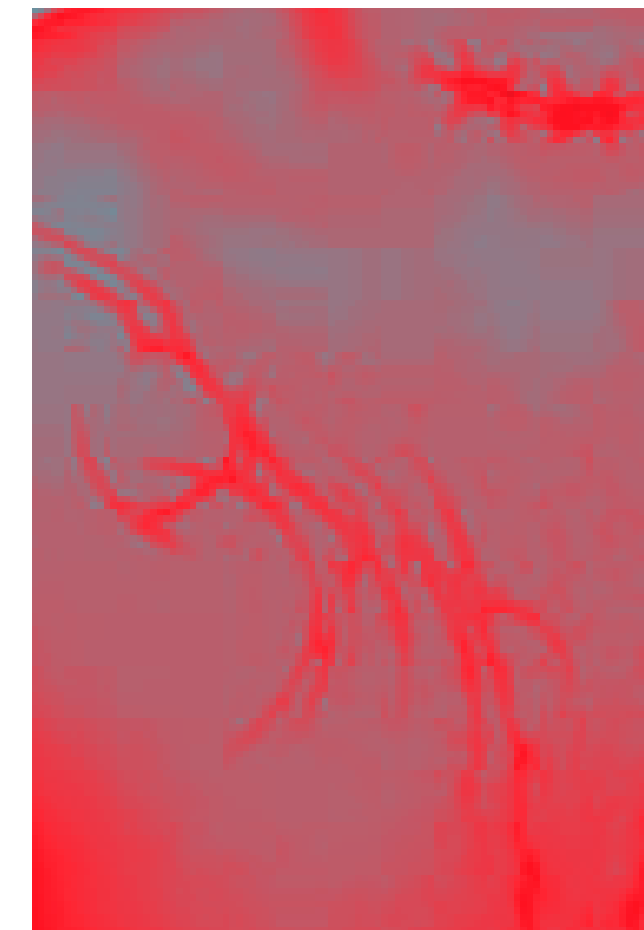


que devemos desejar na lógica capitalista, e consequentemente o feio existe, tudo aquilo que se distancia do ideal cultural. Obviamente o conceito de belo individual é influenciado pela cultura em que o sujeito está inserido, mas ela tem em si sua autonomia libidinal. Portanto, a expressão individual de identidade é a busca do belo para o Eu, que pode, ou não, se alinhar ao belo cultural. E qual o ideal que a nossa sociedade apresenta?

Feio & Bizarro

Trabalho nesse ensaio um dos conceitos de distopia a partir de seu significado na medicina, em que sinaliza um objeto que ocupa um lugar indevido, deslocado ou abjeto ao corpo. E com isso me aproprio dessa noção para além de um órgão ou corpúsculo biológico na anatomia de um indivíduo, como um corpo e sua identidade é rejeitado na sociedade, uma analogia do universo microscópico para a sociedade macroscópica.

O belo é o objeto desejado, existindo na individualidade do Eu e no senso de uma cultura. Para a sociedade temos culturalmente construído o belo hegemônico, sendo aquilo



Seguindo a mesma lógica do belo, o feio existe, distingue-se por ser aquilo que rejeitamos. Tendo sua definição na individualidade do sujeito e também na cultura de uma comunidade. Claro que essa estética é complexa, turva e mutável, pois as comuni-

dades são constituídas de sujeitos com suas individualidades, mas emerge aquilo que é imaginado pela maioria daquele grupo.

que a nossa sociedade apresenta?

Seguindo a mesma lógica do belo, o feio existe, distingue-se por ser aquilo que rejeitamos. Tendo sua definição na individualidade do sujeito e também na cultura de uma comunidade. Claro que essa estética é complexa, turva e mutável, pois as comunidades são constituídas de sujeitos com suas individualidades, mas emerge aquilo que é imaginado pela maioria daquele grupo.

Feio, Abjeto e Rejeito

capítulo 2

O feio não é apenas o oposto do belo, ele é aquilo que confronta o belo hegemônico cultural, portanto enquanto sujeitos individuais podemos sim buscar o feio, esse se torna belo em nossa individualidade e não o deixa de ser, por se distanciar daquilo que a cultura idealiza. Logo, definimos o feio como uma estética transgressora e política.

Então quem eu sou? sou aquilo que tenho, sou aquilo que posso ter ou sou de fato Eu? É difícil pensarmos além dessa lógica, pois somos parte dela.

Ao pensarmos gênero, é necessário discutir as expressões de feminilidade e masculinidade, que por si só não definem a identidade de gênero do sujeito, mas sim projetam modelos belos de expressão de mulher e homem ideais, heranças de um sistema simbólico anterior geracional, que tem sua manutenção e indagação revisitadas com o passar do tempo.

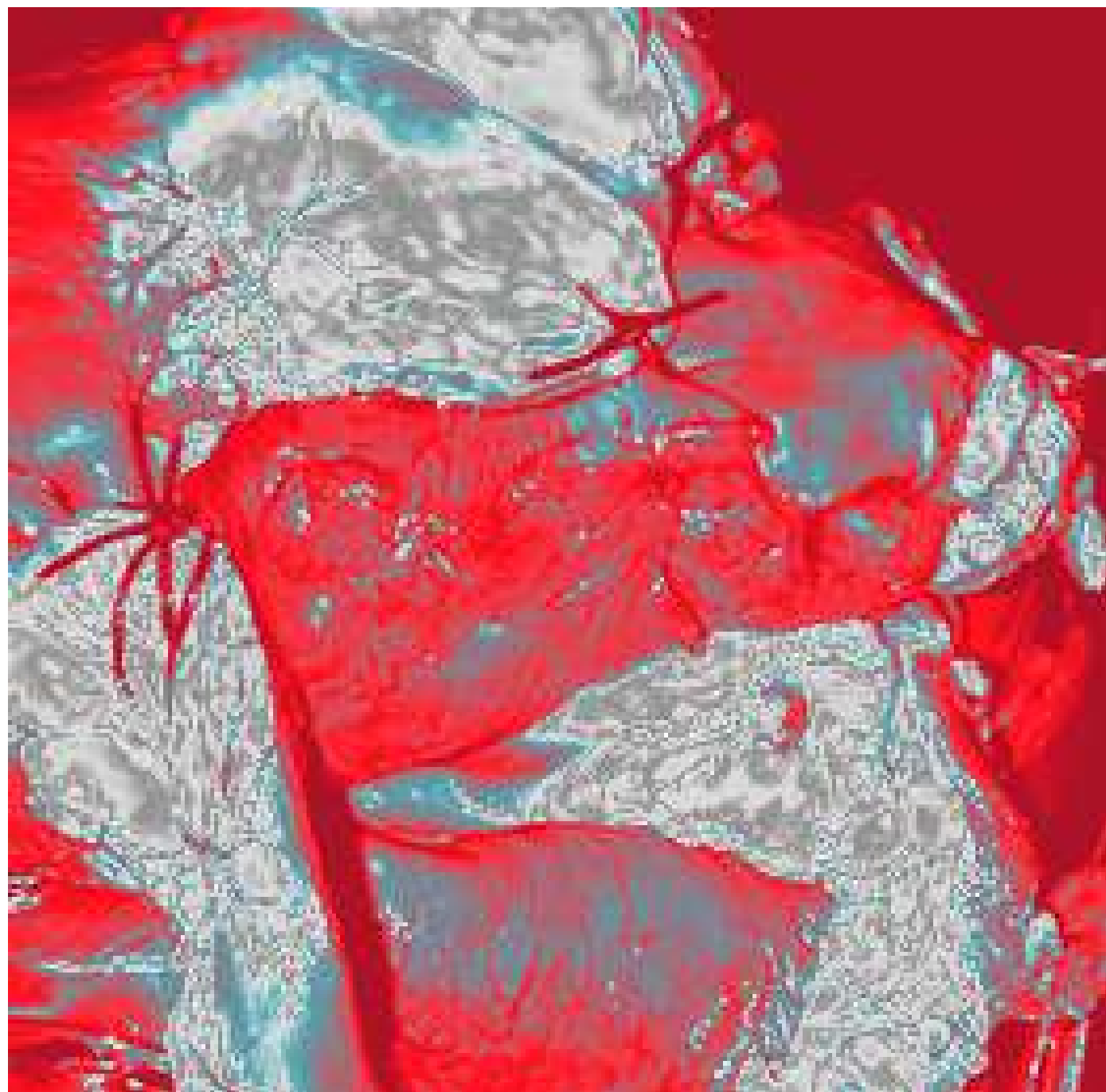
[...]”Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.” (Gênesis 1:27)

Por muito tempo argumentei que essa seria uma das mais impossíveis afirmações da bíblia, principalmente por pensamentos evolucionistas e científicos, mas hoje penso que essa possa ser a mais precisa verdade da escritura sagrada. Não por que acredito em um criacionismo cristão. Ao dizermos que Deus criou o homem e mulher voltemos para pensar quem é Deus, nesse contexto, além de uma personificação de um agente sobrenatural que cria tudo e todos, uma fantasia de um povo em um sistema religioso.

Homem e mulher não são características da espécie humana, são designações sociais que um povo atribuiu aos indivíduos com base critérios fenotípicos. Historicamente fomos colonizados pelo cristianismo, e nesse sistema a binariedade homem e mulher proporcionou uma simbologia de signos masculinos e femininos; portanto, na lógica cristã: homem masculino e mulher feminina. E para termos uma regra, precisamos de um modelo, e qual seria esse modelo fenotípico ideal, ou melhor, o belo de como deveria ser um homem e como deveria ser uma mulher? Adão e Eva

É certo que desde de que esse sistema de gênero foi inventado corpos dissidentes à ele existiram, e sempre existirão. Sabemos que

Abjeto profano



a definição do que cada gênero prescinde um espaço-tempo determinado, mas que consequentemente definem-se os signos femininos os que ornar a mulher, e os masculinos o homem. E por que então teríamos uma mulher masculina que afirma sua mulheridade mesmo não carregando símbolos femininos em sua expressividade? Gênero não é uma performance estética de expressão, mas sim uma identidade política de afirmação e reivindicação de existência. E lutar para dissociarmos o feminino e o masculino como determinantes de gênero é um processo decolonial.

A palavra define, e tudo aquilo que não existe em sua definição se torna abjeto a ela, e para alimentarmos o desejo humano de nomear criamos uma nova palavra para aquilo que não é. Paradoxalmente ao definirmos o abjeto primordial, o limitamos novamente, talvez esse processo justifique o crescente número de substantivos que explicam identidades de gênero e sexualidades, não invalido nenhum desses nomes, acredito que eles são muitas vezes pontos de partida para discussões enriquecedoras.

Tais identidades são afirmações políticas e necessárias para a redefinição de conceitos de como o ser social deve ser e sua demanda por liberdade e direito de existência em um mundo sem violência e medo.

Partindo de investigações sobre o corpo em sua potencialidade poética questiono como poderia usá-lo nas representações pictóricas para simular narrativas. O corpo é, além de um instrumento, signo mutual à alma. Por meio dele existimos no mundo, máquina da linguagem e consequente mediador do Eu com o mundo.



Processos poéticos na produção visual

capítulo 3

Corpo aberto, sangra, cicatriza, mas não se regenera por completo, a sutura é a marca do trauma físico;; símbolo da dor que já não grita mais, se cala.

Linha, uma das mais simples unidades do desenho, do design, a linha, costura, curva, tangente, sua forma expressa para além do movimento, o traço, a marca. Desde muito jovem me fascinei por tal;; a ideia de juntar partes em um todo esteticamente inapropriado refletia o texto sem nenhuma palavra, a evidente marca do tempo, sofrida no passado, existente no presente e que será lembrada no futuro.

Pontos cirúrgicos, derrota da morte. Abjeto o vivo que vaga com a essência do cadáver fechado e calado. Confronta o natural, e para o Outro o rejeito, alguém que passa pelo veredito do fim e ainda persiste, profana. Humano insaciável codifica, e insolente preceitua a lei da maneira que o corpo deve viver.

Construir esse projeto para além das discussões teóricas e filosóficas se inicia no processo de molde da minha cabeça em gesso, foi feito pelo escultor Henrique Corbeira. Isola meu torso com saco de lixo e papel filme, para que o alginato (material utilizado na ortodontia para replicação em gesso de mandíbula e maxilar) não se grude ao meu corpo e destrua a forma. Após a secagem do alginato, constrói-se uma estrutura com ataduras para sustentar a forma no processo de cura do gesso que em seguida preenche o molde feito.

Fico privado dos sentidos ao mundo exterior em tal processo de construção da replica da parte do meu corpo que expressa minha identidade. Em cerca de 1 hora, não ouço, não vejo, não toco, enfim, não sinto o mundo exterior, e a cada minuto mais me volto para meu corpo, minhas entranhas, escuto meu coração cada vez mais forte e acelerado, a visão se inicia escura, alucino e fantasio imagens, a percepção de sentido se ataranta, não sei onde é direita, esquerda, cima, baixo, frente;; o ego se murcha a um ponto singular e agoniza. Todo esse processo me agoniza, ao mesmo tempo que me desperta, logo associo com a abjeção, estar no limite, desejar simultaneamente a permanência e o fim, ao passo que toca a morte.



Utilizando a escultura com base começo a desenhar sobre uma base de fita crepe o design das máscaras que irei produzir, segmentar a forma, fundar os vazios que concebem a figura, retiro, corto e planejo. Exagero partes do corpo.

Sigo com a modelagem para a prototipagem em E.V.A., material escolhido por apresentar textura, espessura e flexibilidade ao couro sintético, material eleito como final a ser utilizado.

Pele, o limite do corpo com o mundo, envelope da alma;; o couro é residuo morto do corpo aberto.



Se ataranta, não sei onde é direita, esquerda, cima, baixo, frente;; o ego se murcha a um ponto singular e agoniza. Todo esse processo me agoniza, ao mesmo tempo que me desperta, logo associo com a abjeção, estar no limite, desejar simultaneamente a permanência e o fim, ao passo que toca a morte.

Ocupar um lugar, que não permanece, mas transita;; o flash vermelho dispara sobre pessoas indo e voltando do trabalho, processo robótico que rega o capital. A máscara esconde a identidade, o registro, e para além daquela proteção sanitária as feitas por mim não só assustam, estranham, desgostam. Provocar o cidadão com uma produção fotográfica não convencional se torna um ato político do trabalho da arte.

Feminino, delicado, sobretudo angelical, possivelmente o mais lido como feminino dos objetos de vestir, trago aqui como produto declarado que seduz a expectativa de que corpo o vestiria, planejo o contraste com couro, paradoxo do gênero, corpo blasfemo.

Movimento político de corpos subjugados pela dominação hegemônica, ao nos desprendermos da expectativa binária de gênero quebramos a relação de poder do masculino sobre o feminino, com isso uma libertação de corpos válidos para além desse sistema. E aqui trago como ferramenta imperativa, a abjeção.





A carne, o sangue, o esperma, rastros do corpo, não de sua presença, mas sim de seu abandono, sem identidade, sem humanidade;;

Anseio ao pensar em como sistematicamente iria expressar semânticas na minha produção artística, como iria transmitir informação, ela seria entendida? Tudo sempre eliminava uma só coisa;; o ruído. Ao me apropriar desse, o processo flui, corre pelas veias. Tentativa de organizar o caos não só o modifica, como o extingui.

Abandono o lógico, abraço o instinti-

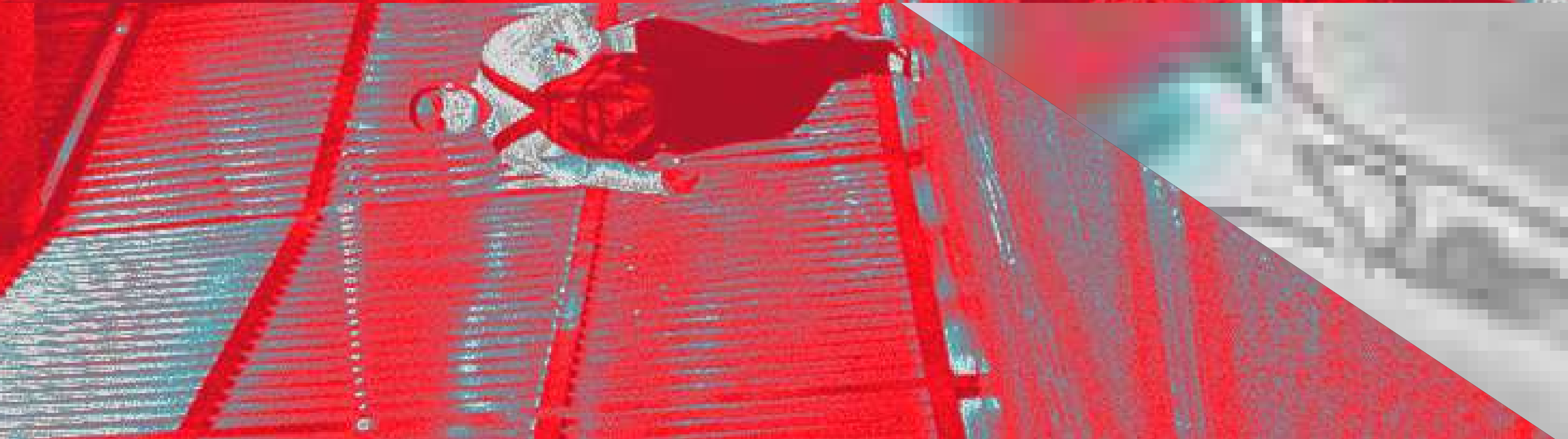
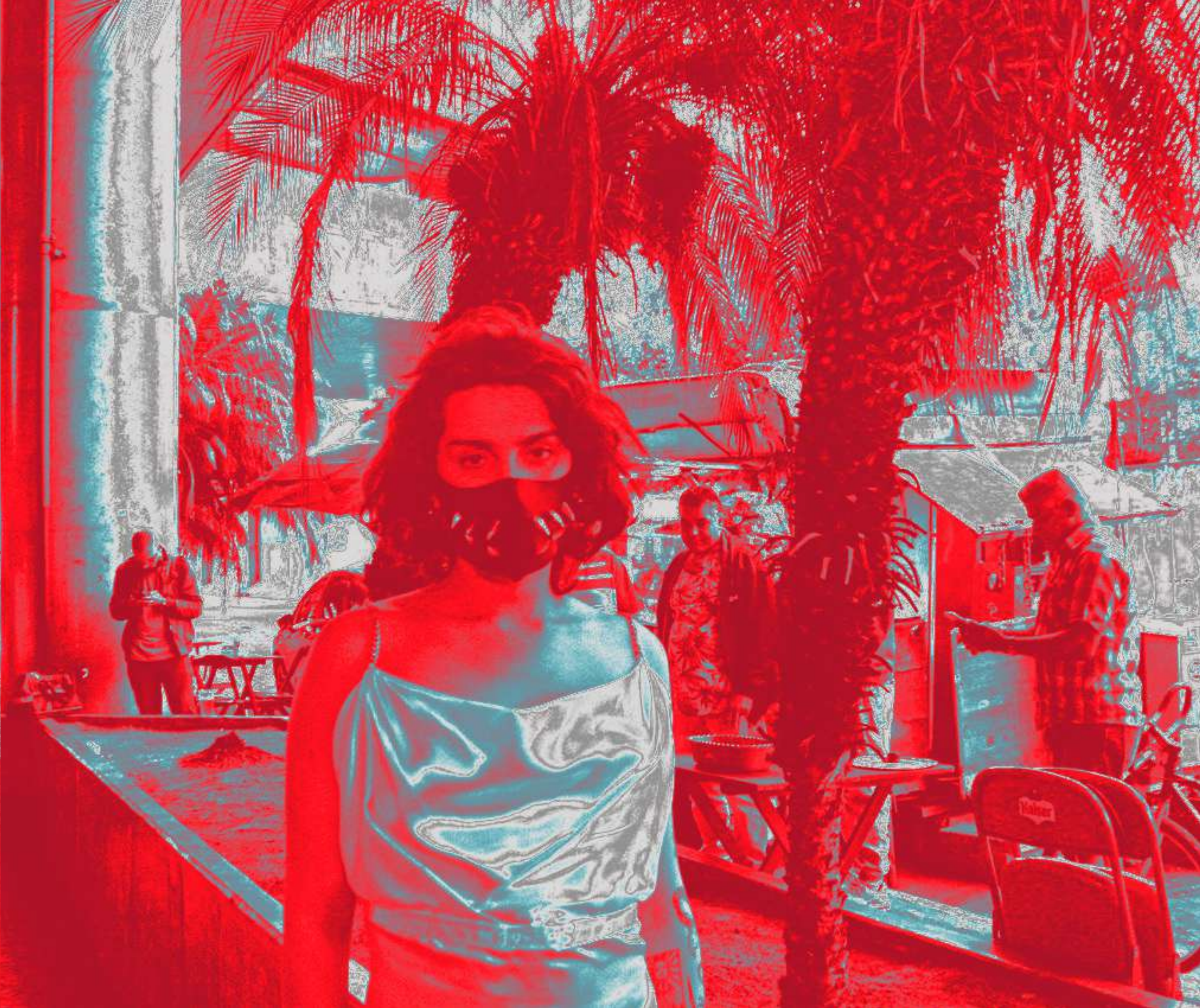
vo. **Visceralmente produzo.**

Não refinar minha expressão gera um trabalho sujo, disforme, confuso;; afirmação de sua validade costuro ideias formando objetos, registro, enfim eternizo no mundo real minha subjetividade.

A produção do vídeo acontece para sintetizar todas as minhas percepções sobre a realidade tangidas pelo tema abordado nesse trabalho, produzo e dirijo as cenas gravadas. A edição se dá pelo uso de ferramentas gráficas para fundir os materiais.









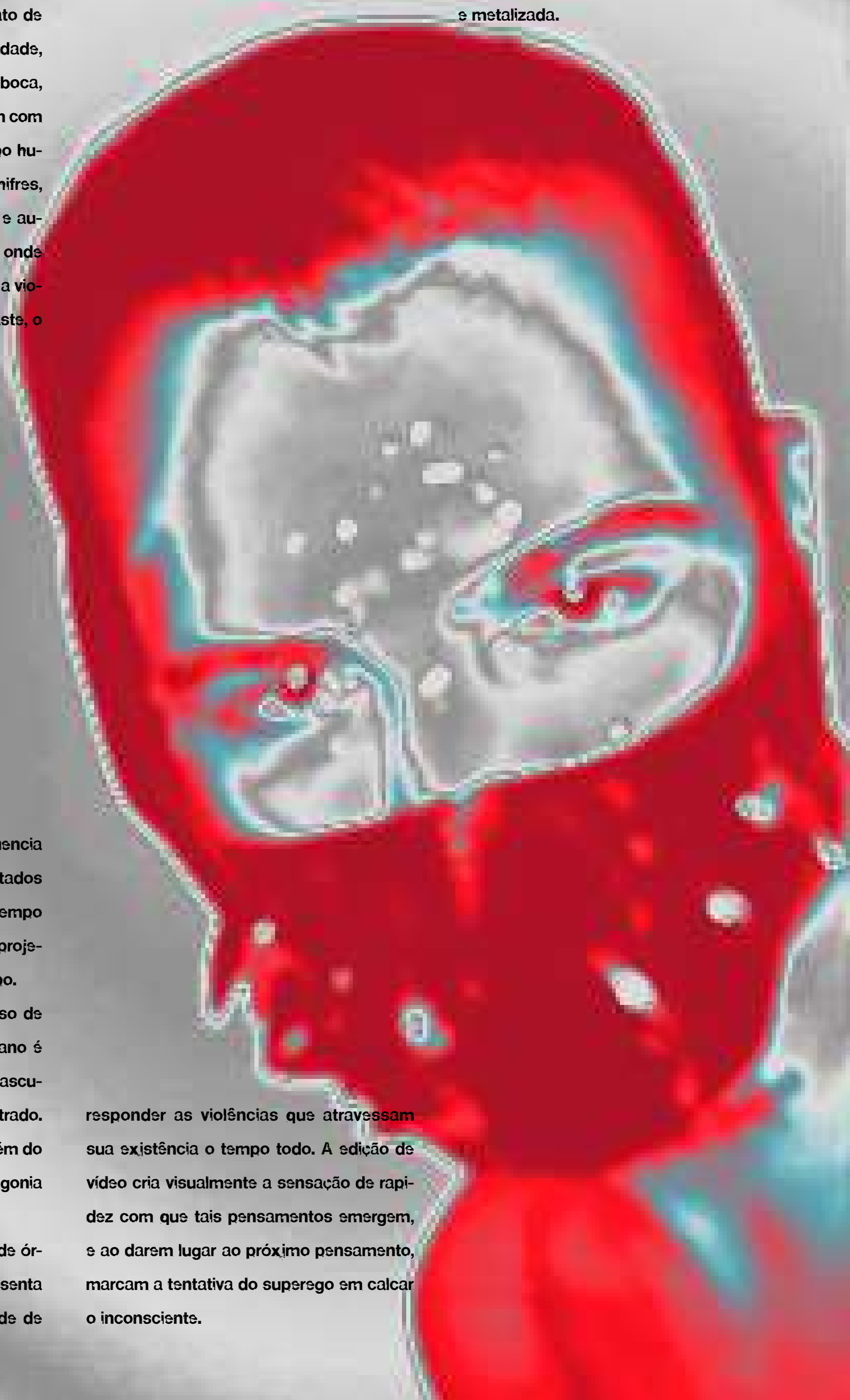
As máscaras foram desenhadas para referenciar partes do corpo, a costura cirúrgica em couro, por si só trazem essa atmosfera. O uso dos spikes em formato de caninos além de exprimirem bestialidade, marcam a localização de onde seria a boca, mas seu formato e proporções brincam com essa tentativa de associação ao corpo humano. Os cones longos remetem a chifres, órgão de defesa comum em animais e ausente em humanos, ao serem postos onde deveriam ser os olhos, indagam sobre a violência dando lugar a visão. Em contraste, o

vestido angelical em branco, com influência das vestimentas de deuses representados na cultura greco-romana ao mesmo tempo que delimita uma forma humanoide, projetam o sagrado e místico sobre o corpo.

Em algumas das fotografias o uso de um líquido que simula esperma humano é pensado para simbolizar a agressão masculina sobre o corpo revolucionário registrado. O sangue representa a morte, para além do esvaziamento da alma, para a dor e agonia de um corpo agredido e ferido.

A cena gravada da manipulação de órgãos, em uma atmosfera onírica, representa o desejo do corpo abjeto a sociedade de

O gradiente em vermelho e azul usado sobre as fotografias ressaltam as diferenças de tons criando uma atmosfera futurística e metalizada.



responder as violências que atravessam sua existência o tempo todo. A edição de vídeo cria visualmente a sensação de rapidez com que tais pensamentos emergem, e ao darem lugar ao próximo pensamento, marcam a tentativa do superego em calcar o inconsciente.



Considerações Finais ?

capítulo 4

Meu trabalho afirma uma experimentação gráfica e estética de discussão de conceitos que rodeiam a vivência de pessoas a margem da lógica binária e heteronormativa da sociedade brasileira. Os materiais desenvolvidos nunca foram pensados para trazerem respostas, mas sim para enunciar novas perguntas.

Assim, propositalmente tenciona os limites da arte e design, através de ferramentas geracionais de imagens e objetos;; transfiro processos tradicionalmente rígidos do design ao universo libertino das poéticas contemporâneas. Visito o feio, com o objetivo de questionar o belo e destitui-lo de seu pódio sagrado;; me referencio na abjeção, conceito desenvolvido por Julia Kristeva, de artistas visuais e vejo nela uma possibilidade de política. Finalizo aqui, de modo mais singelo para que possamos entender minha intenção com o trabalho;; deixar aqui mais caminhos para indagação de questões culturais. O que move

De modo algum busco me inocentar da podridão humana. Procuro questionar o corpo social, na espera de melhorar enquanto designer, e essencialmente, enquanto pessoa.

O ruído como objeto e não rejeito, afirma sua presença. Então, a emergência de descartes como produtos nas composições gráficas se relaciona também com a explicitação de processos sociais e antropológicos, mostrar a ferida aberta incita a busca pelo culpado, porém ao focarmos nela vemos que não existe Outro culpado, que nós mesmos.

REFERÊNCIAS

- BATAILLE, Georges. "O erotismo, tradução de Antônio Carlos Viana." Porto Alegre: L&PM (1987): 1964-1965.
- Cruz, Cecilia Mori. "Beleza Profana: uma integração da abjeção na arte." (2007).
- Eco, Umberto. "História da feiúra." Rio de Janeiro: Record (2007): 261.
- Freud, Sigmund. Neurose, psicose, perversão. Autêntica, 2016.
- FREUD, Sigmund. O Estranho. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Giannotti, José Arthur. O jogo do belo e do feio. Companhia das Letras, 2005.
- Kristeva, Julia. Powers of horror. Vol. 98. University Presses of California, Columbia and Princeton, 1982.
- Steele, Valerie. Fetiche: moda, sexo & poder. Rocco, 1997.